

## Os Gêneros Jornalísticos e a (Re) Construção da Realidade no Rádio: Perspectivas Teóricas<sup>1</sup>

Ébida Rosa dos Santos<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, SC

### Resumo

Este trabalho discute os gêneros jornalísticos e a reprodução do real, com o objetivo de traçar um panorama de como eles se aplicam e/ou se relacionam teoricamente com o radiojornalismo. Para isso foram apresentados conceitos que evidenciam os processos aos quais é submetida a informação jornalística no rádio e investigou-se de que maneira a presença de tais elementos atua na reconstrução da realidade que é transmitida ao ouvinte. Desta forma apresenta-se discussões de como tal relação aparece no radiojornalismo atual.

**Palavras-chave:** radiojornalismo; gêneros jornalísticos; formatos radiofônicos; realidade.

### Introdução

O jornalismo se orienta por procedimentos convencionados, que se consolidaram ao longo do tempo. Mas essa consolidação não significa acomodação, pois os modelos informativos, que surgiram com o impresso, também foram se adaptando ao processo de evolução tecnológica, de forma a responder às necessidades do público de estar atualizado.

No caso do radiojornalismo, cujas primeiras produções eram cópias ou releituras de jornais impressos, a evolução tecnológica, a exemplo da possibilidade de transmissão via telefone, ajudou a desenvolver características e linguagem próprias. A evolução do processo de produção da notícia no rádio exigiu ainda a definição do que é informação e qual tem prioridade em ser divulgada. Isso ocorreu porque tornou-se mais fácil ter acesso a um grande número de acontecimentos, o que exigiu a criação de filtros para selecionar o que é considerado de interesse público. A profissionalização do radiojornalismo despertou a necessidade de que a informação fosse organizada estrutural e textualmente de forma que o ouvinte compreenda, por exemplo, o que pretende determinado enunciado.

Um dos aspectos dessa organização é o enquadramento que ganham os produtos midiáticos. Entre eles, a definição dos gêneros, que separa, por exemplo, o que é jornalismo e o que é entretenimento<sup>3</sup>, fornecendo ao jornalista uma espécie de roteiro, que conduz o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP de Rádio e Mídia Sonora do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina/Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa GIRAFÁ. Trabalho orientado pela professora doutora Valci Zuculoto.

<sup>3</sup> Atualmente há autores que abordam a mistura de informação e entretenimento, trabalhando com o conceito de infotainment.

elencamento de pautas, a escolha da abordagem que será dada ao acontecimento e a forma como determinada realidade será reconstruída.

Dentro da proposta, pretende-se observar como os gêneros se interligam com a reconstrução da realidade no radiojornalismo. Para isso apresentamos elementos que definem o que é informação no jornalismo, resgatando aspectos históricos da separação entre fato e opinião e as mudanças causadas por esse processo, como a padronização da estrutura da notícia. São retomados conceitos de gêneros e formatos jornalísticos e como se aplicam ao rádio, elencando visões que partem da natureza e do formato expressivos. Discutem-se, por fim, alguns aspectos da (re)construção do fato na condição de representação da realidade, apontando elementos que auxiliam nesse processo, tais como a descrição detalhada e o conceito de objetividade. O trabalho baseia-se eminentemente na revisão e na análise teórica, que embasam as reflexões.

## **1. Os gêneros jornalísticos**

A informação jornalística é organizada e categorizada pelos gêneros. Com origem no jornalismo impresso, os gêneros são incorporados pelos demais meios ao longo do tempo. Percebemos sua importância em duas frentes: 1) permitir ao público clareza sobre a finalidade de determinado texto (opinar, informar, entreter, vender) e 2) facilitar ao jornalista a escolha da categoria correta para alcançar seu objetivo frente ao público.

Partimos de teóricos que aplicam os gêneros de maneira mais dirigida ao impresso e posteriormente relacionamos com a concepção radiofônica. Considerou-se que a definição dos gêneros se dá em duas fases: pela natureza expressiva e pelo formato expressivo. Quando falamos de natureza expressiva remetemos à intenção do enunciado, como: informar ou opinar. O formato expressivo é, então, a forma textual por meio da qual a informação é moldada, como a nota, a notícia ou a reportagem. Nesse sentido, adotamos duas percepções, das quais elencamos pontos convergentes e divergentes.

A primeira definição é de José Marques de Melo (2003). Refazendo um percurso histórico das classificações europeias, norte-americanas, hispano-americanas e retomando, principalmente, a proposta brasileira de Luiz Beltrão, Melo classifica “buscando estruturar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos” (MELLO, 2003, p. 64). Assim, os gêneros jornalísticos aparecem por sua natureza expressiva como informativo e opinativo.

Jorge Pedro Souza (2001, p. 230) parte de definições que considera correntes no jornalismo, destacando que “os gêneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas e, por vezes, é difícil classificar uma determinada peça, até porque, consideradas estrategicamente, todas as peças jornalísticas são *notícias*, especialmente se aportarem informação nova”. Como gênero ele apresenta: notícia, entrevista, reportagem, crônica, editorial e artigo, que consideramos como formato expressivo, não pertencendo a uma categorização maior.

O gênero informativo de Melo abarca a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista. Já o opinativo envolve editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, formatos presentes no jornalismo brasileiro. Obviamente, há o risco de que alguns caiam em desuso, movidos por exemplo pelo valor financeiro que determinada produção possa demandar da empresa jornalística, o que acaba limitando o uso do formato, ou mesmo pelas facilidades ou limitações tecnológicas.

Na definição de Melo (2003), a nota é uma notícia curta sobre um acontecimento ainda em curso, sendo que a notícia se diferencia da nota por tratar de um fato que já eclodiu socialmente. Souza (2001) trata somente de notícia e afirma que ela é o gênero básico do jornalismo, marcado por um texto pequeno sobre um acontecimento e que pode conter elementos da entrevista, por exemplo. No caso do rádio, acreditamos que a nota compreende a resposta objetiva do *lead*, baseada nas perguntas clássicas – Quem? O quê? Quando? Onde? Como? e Por quê? –, com o intuito de informar ao ouvinte que o fato está acontecendo. A partir da nota, constitui-se a notícia, com a inclusão de detalhes descritivos e do depoimento de envolvidos, por exemplo, de maneira a contextualizar a informação.

Quanto à definição de reportagem, os autores convergem no sentido de ser um gênero que requer aprofundamento das informações, que pode se dar por meio de dados, documentos ou outros elementos relevantes para informar em profundidade o consumidor e ao mesmo tempo prender sua atenção. Souza (2001) vê a reportagem como o gênero nobre do jornalismo. O processo de construção da reportagem no rádio exige os mesmos procedimentos rígidos de pesquisa e de apuração como em qualquer outro meio. É o formato radiofônico que permite ao repórter maior liberdade criativa para estruturar a narrativa, podendo lançar mão de efeitos e de uma ordenação dos fatos de forma a prender a atenção do ouvinte até o fim. Mas também exige maior tempo dedicado à checagem de informações e ao processo de captação de áudio e edição. Sua presença no radiojornalismo, de forma geral, tem sido prejudicada pelas limitações financeiras das emissoras, nem

sempre dispostas a investir numa produção cuja apuração pode ser mais demorada, tomando tempo produtivo do profissional e por vezes exigindo investimentos como em viagens.

A entrevista é apresentada por Melo (2003) como um relato que privilegia pessoas relacionadas ao fato, permitindo que tenham um contato direto com o público. Para Souza, a entrevista somente é gênero jornalístico quando apresentada como parte de uma peça jornalística, com exposição de perguntas e respostas, sendo seu papel fundamental o de recolher informações junto às fontes. Percebemos a entrevista como uma peça fundamental no rádio, por ser compatível com suas características e que, por "dar" voz às pessoas "comuns", é também um dos fatores humanizadores do meio. Mesmo que não apresente as perguntas no estilo *ping-pong*, sabe-se que o pequeno trecho da entrevista que vai ao ar no rádio é resultado de um processo que envolveu um diálogo, provavelmente com várias perguntas, da qual o jornalista ou repórter vai extrair o que considera mais interessante para o público. Nesse contexto é importante considerar também que já há uma ação determinante do profissional sobre o aspecto da realidade que será evidenciado, o que acaba também influenciando na verdade/realidade que será conhecida pelo público.

A crônica, na concepção de Souza, designa peças assinadas por um colunista regular, que pode abordar assuntos sociais, políticos, entre outros, podendo ser um artigo de opinião ou de análise ou mesmo uma reportagem. Melo (2003) defende que a crônica e a carta vinculam-se aos fatos que estão acontecendo, em momento posterior a sua eclosão. Quanto ao editorial, os autores convergem para a definição de que é um gênero jornalístico argumentativo, em que se dá o posicionamento coletivo da empresa de comunicação sobre determinado assunto ou problema atual, sendo um espaço de opinião institucional. Por fim, Souza (2001) apresenta os artigos como normalmente interpretativos, explicativos ou persuasivos, sendo peças subjetivas e pessoais, que requerem credibilidade do articulista. Para Melo (2003), o artigo, o comentário e a resenha pressupõem uma autoria definida e explícita, que orienta a forma como o ouvinte vai receber a informação. Destacamos no rádio a importância do comentário e da crônica, sempre muito marcados pelas personalidades que o fazem e que são - ou deveriam ser - elementos importantes para elucidar ainda mais determinado acontecimento ou situação para o ouvinte.

Embora divergentes quanto à natureza e ao formato expressivos, essas visões acabam por convergir na reflexão de modelos que são utilizadas pelo jornalismo nos diferentes meios de comunicação, respeitadas, é claro, suas particularidades. É a partir delas que trabalhamos, a seguir, as definições aplicadas ao radiojornalismo.

## 2. Os gêneros no radiojornalismo

Barbosa Filho (2003) propõe uma das poucas classificações de gênero voltadas especificamente ao rádio. Dela, destacamos o jornalístico<sup>4</sup>, que o autor considera "o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos" (BARBOSA FILHO, 2003, p. 89), sendo que permite também que os relatos contêm características subjetivas e opiniões particulares sobre os acontecimentos. O autor organiza-o pela natureza expressiva, para depois subdividi-lo nos formatos: nota, notícia, boletim, reportagem (formato que pode abranger também elementos do gênero opinativo), entrevista, comentário, editorial e crônica.

Inspirado em grande medida nas concepções de Melo (2003), Barbosa Filho (2003) define nota como um jargão radiofônico, caracterizado por um texto curto, sobre um fato que pode estar concluído ou não. A notícia é considerada por ele como um módulo básico de informação, com curto tempo de exposição, podendo ser apresentada por um ou dois locutores. A nota e a notícia são muito presentes no rádio, e, como dissemos anteriormente, têm a função de informar ao ouvinte o que está acontecendo, sem um aprofundamento maior. Ambos os formatos são os mais utilizados para anunciar acontecimentos que ainda se encontram em desenvolvimento e que podem envolver a locução de um texto redigido de forma rápida ou mesmo improvisado, e, em alguns casos, podem contar com a presença de um profissional no local do acontecimento.

A reportagem radiofônica, para o autor, deve englobar as diversas variáveis do acontecimento e permitir ao ouvinte o contato com uma versão mais aprofundada do fato, que o ouvinte já pode, por exemplo, ter tomado conhecimentos a partir da nota ou da notícia. É nesse processo - marcado, entre outros elementos, pela apresentação de dados, entrevistas, opiniões, descrição e efeitos sonoros não usuais na nota e na notícia - que o ouvinte consegue reconstituir o fato mentalmente com maior riqueza de detalhes. São os elementos sonoros escolhidos para ilustrar a informação que ajudam a manter o ouvinte atento pelo máximo de tempo possível. Porém, na contramão do que teoriza Barbosa Filho (2003), nota-se que o fenômeno predominante atualmente é o longo debate sobre o mesmo tema sem que sejam utilizados os diversos gêneros e recursos de que dispõe o rádio. Nessa

---

<sup>4</sup> Barbosa Filho (2003) trabalha ainda com os gêneros: educativo-cultural; de entretenimento; publicitário, propagandístico, de serviço e especial.

nova via ganha destaque o fato de que o rádio está, cada vez mais, sendo feito sem texto, no sentido de que não há o tempo de redação e preparo do conteúdo, e que o improvisado, antes característico das notícias de última hora, é, atualmente, um elemento desse novo modo de reportar. Dessa forma, considera-se que, em certa medida, a denominação "reportagem" não é mais representativa desse modo de reportar, que merecesse uma nova nomenclatura, para atender a um modelo com longo relato sobre o mesmo fato, feito por diversos repórteres ou jornalistas de forma improvisada, podendo trazer certo grau de aprofundamento ou não, mas que tem fugido da proposta teórica que os manuais radiofônicos ainda apresentam. Quando pensa-se no ouvinte e no rádio informativo é preciso lembrar que esse novo modelo de reportar pode dar grande vazão a um jornalismo declaratório, onde não há checagem de informação e a apuração se torna falha, o que prejudica a compreensão do público e fragiliza o jornalismo radiofônico.

O boletim é destacado como um pequeno programa, que pode conter notas, notícias, entrevistas e pequenas reportagens, com duração de até cinco minutos (BARBOSA FILHO, 2003). Um exemplo de boletim que se enquadra nos moldes trabalhados pelo autor é o "Notícia na Hora Certa", veiculado pela rádio Gaúcha de Porto Alegre, a cada hora cheia de programação, constituído essencialmente por notas e notícias. Uma das maiores emissoras *all news* do país reforça a impressão de que esses dois formatos se sobressaem no meio, em parte por exigirem menor tempo de redação e reflexão e, também, pela pressa de o ouvinte em receber a informação e dos veículos em informar primeiro. O boletim é tratado aqui no sentido de síntese noticiosa, mas há também que se considerar que o termo boletim pode ser usado, por exemplo, para as entradas dos repórteres, ao vivo, durante a programação.

A entrevista é apontada como uma das mais importantes fontes de coleta de informação, presente na maioria das matérias jornalísticas. Sobre a entrevista, Barbosa Filho (2003) comunga de definições de outros autores, a destacar Prado (1989, p. 62-63), que acredita que ela pode gerar dois tipos de informação: a estrita, proporcionada pela entrevista breve, e a informação em profundidade, que oferece ao ouvinte informações adicionais, proporcionando reflexão, associada a um maior tempo de duração. No rádio a entrevista torna-se essencial, uma vez que o veículo trabalha, normalmente, apenas com o som, além de dar "maior credibilidade à informação, já que há a presença da própria pessoa no produto jornalístico" (LOPEZ; MATA, 2009, p. 4). Pela característica de predomínio da nota e da notícia, como citamos, é mais comum a presença de entrevistas breves, que cabem

nesses formatos. As entrevistas longas ficam restritas aos programas específicos para tal ou às reportagens que têm maior espaço e tempo de produção.

O comentário sugere conhecimento especializado, com conteúdo opinativo. Segundo Barbosa Filho (2003, p. 95-96), é utilizado para "criar ritmo e ampliar o cenário do receptor visto que propicia a presença, por meio do comentarista, de mais uma voz que se acrescenta às já existentes na transmissão". Transitando entre o jornalismo e a literatura, a crônica, também é apresentada sob a visão de Melo (2003), e tem sua utilização no radiojornalismo descrita como o texto, apresentado pelo locutor, com fundo musical, objetivando sensibilizar o ouvinte. Desse cenário, mediante observações corriqueiras, é perceptível que o comentário de rádio está cada vez mais marcado por elementos da crônica e não se restringe à emissão de opinião. Ele apresenta ainda informações e se utiliza de expressões literárias que contribuem para uma hibridização entre os dois formatos. Preliminarmente, observa-se que os formatos do radiojornalismo parecem caminhar para um processo de inter-relação cada vez maior, em que se rompem as barreiras que os delimitam. Também é possível, de forma análoga, comparar a caricatura, comum aos jornais impressos, com os rumos da crônica radiofônica, pois é perceptível que ela tem se firmado como uma ilustração, uma sátira que quando adaptada ao contexto ou conteúdo noticiado também pode ser considerada jornalismo, por trabalhar essencialmente com a formação de uma opinião a respeito de determinado assunto ou personalidade, que é mais comum. O editorial, afirma o autor, é pouco utilizado no rádio, pois deve anunciar a opinião/posição da emissora. Um dos fatores que por vezes depõe contra o uso do editorial no rádio é a assimilação do texto, que representa a opinião da emissora, como uma opinião do locutor, por parte do ouvinte.

Os formatos<sup>5</sup> aqui expostos representam, em geral, a forma de apresentação da informação e definem, por exemplo, se ela será veiculada de forma mais sucinta, se é permitida uma descrição maior ou mesmo se haverá o uso de depoimentos (ou entrevistas) das fontes. As características de cada formato, associadas a outros fatores, definem quais elementos da linguagem radiofônica podem ser utilizados para a reconstrução do real.

---

<sup>5</sup> Barbosa Filho (2003) cita, além dos formatos de divulgação da informação, os programas radiofônicos que se caracterizam como jornalísticos e abarcam os formatos noticiosos, a saber: o radiojornal, que pode conter notas, notícias, reportagens, comentários e é exibido com periodicidade e tempo de duração determinados. O documentário jornalístico é responsável por aprofundar algum assunto, mesclando pesquisa documental, verificação no local do acontecimento, comentário de especialistas, entre outros, sendo gravado e editado. As mesas-redondas ou debates compreendem espaços para discussão entre os participantes, que apresentam pontos de vista diferentes sobre um mesmo fato. O programa policial é focado na cobertura de acontecimentos que envolvam a ação policial e também se utiliza de outros formatos. O programa esportivo é dedicado a cobertura e análise dos eventos que envolvem esportes em geral e pode se utilizar de todos os formatos. A divulgação técnico-científica é pautada pela divulgação de assuntos relacionados à ciência, se utilizando de linguagem que facilite o entendimento de todos os públicos.

Ao longo do processo evolutivo do rádio suas características foram se evidenciando. A mobilidade, por exemplo, foi reforçada com a chegada dos telefones móveis, que permitiram ao rádio trazer para a programação a informação a qualquer momento, diretamente do local dos acontecimentos. Além disso, os recursos de sonoplastia auxiliaram para o desenvolvimento de uma linguagem própria, capaz de despertar a imaginação do público (ZUCULOTO, 2012). Mas, apesar de o rádio em geral contar com muitos elementos da linguagem que podem estimular a imaginação de quem ouve, o radiojornalismo possui limitações éticas. Desta forma, como explica Meditsch (2007), em comparação com a arte radiofônica, o rádio informativo é mais pobre, mesmo sendo constituído pela mesma linguagem, pois podem se utilizar apenas de sons reais. Por exemplo, o repórter pode estar no local de um acidente e deixar que o ouvinte ouça a sirene da ambulância, mas não pode colocar uma sirene gravada, portanto falsa, para dramatizar o fato e comover o ouvinte. Assim, é importante que os sons reais, em transmissões radiojornalísticas, sejam sinalizados, para não serem percebidos como ruídos na comunicação. Assim, cabe dizer, prosseguindo com o caso anterior, “esta sirene que você ouve é a ambulância...”. Outro fator a ser considerado é o ouvinte receber, normalmente, outras informações além da que o rádio está lhe oferecendo, principalmente as visuais. Essa concorrência com o ambiente onde o ouvinte está inserido torna necessário ao radiojornalismo chamar a atenção aos aspectos relevantes da mensagem, revelando o que for indispensável à compreensão, em pouco tempo.

### **3. A simbologia da verdade e a reprodução da realidade**

O jornalismo passa a ter como foco central o conceito de serviço público com o surgimento do Novo Jornalismo no século XIX. É a partir daí que se começa a constituir uma identidade jornalística, da qual deriva, em grande medida, o modelo de jornalismo que temos hoje. De acordo com Traquina (2005, p. 50), nesse período, pregava-se que os jornais "deveriam servir aos leitores e não aos políticos", tendo o jornalismo assumido então o papel de levar ao público os fatos e não mais apenas a opinião vinculada a interesses políticos, como acontecia nos seus primórdios.

Com a separação entre fatos e opinião, tornou-se necessário um novo profissional, capaz de trabalhar com esse novo modelo narrativo. Assim surge a figura do repórter, que, ao selecionar e remontar o fato, assumia o papel de "transformar o jornalismo numa



máquina fotográfica da realidade, ou seja, na sua ideologia profissional o espelho da realidade" (TRAQUINA, 2005, p.52), uma das suas metáforas fundadoras. Surge também a necessidade de se ter cada vez mais notícias em menos tempo e o jornalismo passa a se orientar pelos acontecimentos, sendo favorecido com a chegada do telégrafo, que permitiu, além de maior abrangência territorial, maior agilidade no recebimento e no repasse de informações. Essas mudanças alteraram a escrita das notícias e atuaram no sentido de uma homogeneização da linguagem, que passa a ser "rápida, de fatos escassos, numa palavra, telegráfica" (TRAQUINA, 2005, p. 54). Essa busca incessante por mais fatos em menos tempo se reflete no que Moretzsohn (2007, p. 239) denomina hoje de fetiche da velocidade, que faz com que se consuma "sobretudo velocidade e não notícias". Trata-se de um fenômeno intensificado especialmente pela internet, em que se destaca a tentativa de atender a um público que sente necessidade de saber o que se passa o mais rápido possível, mesmo que superficialmente.

Esse efeito de padronização dos estilos noticiosos se relaciona de forma direta com os gêneros e formatos, que como pode se perceber, ainda guardam muitas semelhanças entre o impresso e o rádio. Durante o processo de consolidação das demais mídias e, com o desenvolvimento das tecnologias, é que o radiojornalismo desenvolve especificidades e linguagem própria, buscando levar ao público um produto diferenciado dos ofertados nos demais veículos de comunicação.

Ainda no século XIX, também são utilizadas as entrevistas e as fontes como recurso para a confirmação dos fatos. Associado a isso, estão o desenvolvimento da reportagem e o uso da descrição, que vão auxiliar na reconstrução detalhada do fato, evidenciando características que o tornarão o mais fiel à realidade quanto possível. Mas, mesmo que haja essa intenção de fidelidade, acreditamos que o texto produzido pelo repórter sempre será uma versão, que pode ter uma amplitude maior ou menor, mas que nunca será a realidade como se deu. Por isso a insistência dos manuais de jornalismo em evidenciar a função de "dar as duas versões", mesmo sendo notório que um fato não existe apenas em relação dicotômica entre versão "A" e "B". O que se busca no jornalismo é a adequação dessa representação, por meio da adoção, por exemplo, de uma semelhança estrutural entre a realidade em si e a versão midiaticizada.

É importante lembrar que ao público do rádio interessa ou tem valor, primeiramente, a informação que o afeta diretamente. Também precisam ser consideradas as características próprias do meio, que implicam a apresentação dos fatos de forma veraz e clara, tornando-a

acessível a todos os ouvintes e atendendo às suas demandas, sob pena de não obter reconhecimento e perder audiência. Essas características, além do cuidado com a qualidade do som, precisam ser reconhecidas pelos profissionais, para que se produza uma comunicação de forma eficiente. Kaplún ressalta a importância de se reconhecer o rádio como um instrumento e não apenas um veículo que transmite mensagens a distância. Nesse sentido é que se torna necessário "conocerlo, saber manejarlo, adaptarse a sus limitaciones y a sus posibilidades. Usar bien la radio es una técnica y un arte" (KAPLUN, 1999, p. 56).

A valorização dos fatos em detrimento das opiniões no século XIX estimulou, entre outros fatores, o surgimento, no século XX, do conceito de objetividade, como um dos valores profissionais do jornalista. Pela objetividade "os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade as regras e aos procedimentos criados para o mundo no qual até os fatos eram postos em causa" (TRAQUINA, 2005, p. 138). Esse novo viés estimula a apresentação de provas auxiliares, a estruturação da informação seguindo determinada sequência, e auxilia o jornalista a dar legitimidade ao seu relato. É por meio da objetividade que o profissional consegue manter uma distância entre seus sentimentos pessoais para com os fatos e as pessoas envolvidas, limitando-se a repassar as informações de todas as perspectivas, com as diferentes versões, para que não apenas ganhe, mas para que mantenha a credibilidade frente a seu público.

Falando especificamente do radiojornalismo, para Zuculoto, por trás da estruturação da informação, existem componentes que desfazem a neutralidade aparente: "Na captação e na seleção das informações que vão compô-la, já se observam componentes que envolvem critérios de valor" (ZUCULOTO, 2012, p. 19). Ortriwano (2008, p. 64) defende, inspirada em Brecht, que o rádio deveria adotar o jornalismo de natureza substantiva, que transmite os acontecimentos do "palco de atuação", sem a construção de um texto prévio e sem o uso dos procedimentos de gravação e edição. Adotando esse formato, o ouvinte receberia a informação com a defasagem de tempo apenas da elaboração verbal da mensagem, estando mais sujeito à emocionalidade do momento, o que o tornaria mais verdadeiro.

A evolução tecnológica acompanha o rádio e vice versa. Já na década de 40 os primeiros equipamentos permitiram que os jornalistas se deslocassem até o local do acontecimento e os gravadores possibilitaram que o profissional se deslocasse pelo palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2009), num fenômeno de presenciar e relatar os fatos. Com a chegada da internet, por exemplo, o processo de comunicação se tornou mais ágil e as informações brutas circulam mais rapidamente, chegando à redação facilmente, sem exigir

que o repórter vá para a rua. Tal facilidade acabou gerando um comodismo nos profissionais, que passaram a se tornar dependentes, por exemplo, do uso do telefone celular. Porém, a presença do repórter no local dos acontecimentos é insubstituível e se torna um diferencial. Talvez seja uma forma de driblar o processo de apuração, que "caiu" em certo comodismo pelas facilidades de comunicação a distância e pela urgência em veicular a informação. Essa acomodação do profissional pode levar, por exemplo, à narração da realidade a partir de informações apuradas por terceiros, que em alguns casos não são checadas, e resultar na construção de uma realidade não compatível com o desenrolar dos fatos ou com o que se chamaria de verdade.

Atuando na discussão do jornalismo como forma de conhecimento, pautado pela realidade, Liriam Sponholz (2009, p. 106) defende que apesar de o processo de seleção e de relato dos fatos ser marcado por escolhas subjetivas, o objeto do jornalismo é a realidade: "Textos jornalísticos não só podem, eles têm que ter uma semelhança estrutural com a realidade". A credibilidade perpassa pela aparência de verdade ou realidade que é concedida à informação pelo profissional e entendida pela audiência, independente do meio em que se dê.

A verdade jornalística está comprometida com uma prática profissional, que envolve desde os critérios de seleção dos fatos a serem reportados até a escolha das palavras que vão compor a descrição da cena e a ordem em que serão apresentados. Hoje, por meio de narrativas transmidiáticas na internet, por exemplo, é possível que o público escolha os caminhos da narrativa que mais lhe interessem, não respeitando uma linearidade. No rádio esse processo é mais restrito, mas tem se alterado na medida em que há inserção de sua programação na internet, vinculada a uma página onde são hospedados os áudios que já foram ao ar<sup>6</sup> (entrevistas, reportagens, entre outros), que podem ser ouvidos novamente, sob demanda do internauta. Esse novo momento, de certa forma, rompe com o paradigma de que o rádio não tem memória ou não permite "ouvir de novo". Mesmo que de forma primária é também um fator que pode alterar a forma de compreensão da realidade retratada.

O estímulo à percepção do mundo real deriva do realismo, que propõe "descrever a vida tal como ela é" (PONTE, 2005, p. 43). A representação da verdade, tomada aqui também no sentido de realidade, exige que o profissional domine uma linguagem capaz de

---

<sup>6</sup> Além dos materiais que vão ao ar, também são produzidos materiais exclusivos para a internet. O rádio com transmissão de antena, quando presente na internet, se utiliza de recursos que vão além do som ou da voz, a exemplo do texto, da fotografia e dos materiais audiovisuais.

atingir o público ao qual se destina. Van Dijk (1990) aponta que uma das condições básicas da verdade é a observação direta do acontecimento. A frase "Yo lo vi con mis propios ojos" (VAN DIJK, 1990, p. 128) é, segundo o autor, a última garantia da verdade. Assim, a retórica da notícia envolve não apenas a verdade real, mas também uma ilusão de verdade, proporcionada em grande medida pelo uso de fontes (oficiais ou envolvidas com o fato), dados numéricos exatos, entrevistas e descrição do acontecimento. Na visão de Lage (2001, p. 14), a verdade é mais um conceito de competência jornalística, que exalta "sua capacidade de refletir a realidade de maneira mais justa (ou verdadeira) vencendo todas essas limitações através do domínio superior da técnica e das convenções da língua".

Mayra Rodrigues Gomes (2000) reitera que as matérias jornalísticas são baseadas em citações, entrevistas, fotografias e tabelas, como forma de remeter ao real. As estratégias do jornalismo no uso da linguagem compõem a verossimilhança "produzindo um enraizamento no real e, por isso, criando o "efeito de real" (GOMES, 2000, p. 25). Nesse cenário, a técnica e as estratégias da linguagem, a partir do uso de testemunhas, da sequência cronológica da história, podem auxiliar para que se chegue a um nível de verossimilhança que permita obter credibilidade junto ao público. Talvez reforçando essa ideia de credibilidade, o rádio possa, além de estar no local dos acontecimentos, provocar reflexão e alguma reação por parte de seu interlocutor, e assim estar, "estritamente ligado à realidade, mas não de forma meramente decorativa. Ao contrário, deveria influenciar e modificar essa realidade" como defende Ortriwano (2008, p. 66).

Para produzir o efeito de realidade e superar seu possível aspecto decorativo, o rádio informativo encara algumas limitações, especialmente o fato de ter "uma composição sonora centrada na palavra com forte sotaque humano e, por isso, incapaz de ocultar totalmente sua mediação" (MEDITSCH, 2007, p. 219). É nesse aspecto que acreditamos que os formatos podem influenciar na reconstrução da realidade, pois cada um deles gera um tipo de expectativa no ouvinte e também cada um deles permite que se trabalhe com mais ou menos elementos sonoros, fundamentais para a imagem mental que o ouvinte fará do acontecimento, ajudando a camuflar essa mediação, por vezes evidente.

Ao discutirem o efeito de real, Mouillaud e Tétu, em tradução de Bruck e Santos (2013, p. 96), apontam que o rádio tem uma vantagem sobre o impresso, porque nele o "o jornalista pode se valer de uma complementaridade semiótica constante: o barulho das explosões reforça o discurso sobre a guerra quando a cobertura é feita a distância. A voz acelerada do repórter esportivo reforça a imprecisão do lance que ele narra". Os exemplos

ilustram como o rádio se mantém num processo dinâmico de apresentação da informação, sofrendo influência das tendências tecnológicas e das necessidades manifestadas pelo ouvinte e, ainda assim, mantendo o som como o elemento chave. Isso justifica, de certa forma, sua capacidade de se "regenerar" e reestruturar para superar o surgimento de outras mídias com capacidade maior de "mostrar" o real, visualmente falando, como a televisão. O rádio foi redescobrendo os caminhos para estimular a percepção e o interesse do ouvinte e, assim, renovando também sua credibilidade.

### **Considerações**

O gênero radiojornalístico, assim como os formatos que ele abarca, são, primeiramente, fundamentais para que o profissional de rádio consiga suprir todas as necessidades de informação do seu público. Num segundo momento, essa categorização permite um reconhecimento do tipo de informação que vai ser veiculada, gerando, ao longo do processo de repetição, uma familiaridade para o ouvinte, permitindo que ele identifique o que é notícia ou propaganda, por exemplo. Por outro lado, como apontamos, algumas definições conceituais já não correspondem ao modelo praticado, como é o caso da reportagem cada vez mais improvisada, o que ressalta a importância de pensar o radiojornalismo teoricamente.

Cabe refletir ainda se tal improviso, associado à pressa em informar pode interferir na forma como a realidade é representada. Embora o jornalismo não seja um "espelho da realidade", como sonhavam os realistas, ele não deixa - ou não deveria deixar - de levar a público a informação de caráter verdadeiro, baseado em fatos e depoimentos reais. Talvez, ao repensar teoricamente os conceitos sobre os formatos radiojornalísticos seja possível refletir também sobre a prática profissional e se possa contribuir para a descoberta de novas formas de aprofundar a informação e levá-la ao público de forma ágil, sem que o processo informativo se torne superficial e inútil ao ouvinte.

Algumas técnicas continuam infalíveis na reconstrução da realidade para o ouvinte. Pode-se destacar, por exemplo, a importância de se trabalhar aspectos como a descrição da cena, além do uso de sons ambientes e do cuidado com a voz, pois o timbre ou o tom usados na transmissão da informação também causam sensações, que se dão de maneira individual, como por exemplo, a associação de determinada voz à seriedade. Apesar de

contarmos com o rádio na internet<sup>7</sup> e com as webrádios<sup>8</sup>, que podem hospedar fotos, textos e vídeos, o rádio ainda é um meio essencialmente sonoro e acreditamos que é pela necessidade de ouvir e pela facilidade de assimilação pela simplicidade de sua linguagem, que uma emissora é sintonizada no *dial* ou na *web*.

Quanto à discussão da objetividade, compreendemos que o "eu" profissional está presente em todo o processo de produção noticiosa e que, por isso, não pode ser expresso em ideia concreta e completa de objetividade e imparcialidade. Mas, acreditamos que - ao respeitar formatos, critérios e valores, regidos ainda pela deontologia profissional - o jornalista, no rádio ou em qualquer outro veículo, é capaz de se manter suficientemente distante do fato, permitindo que o público não seja prejudicado na percepção e reconstrução que fará do acontecimento, quando dele tomar conhecimento. Nossa observação sobre as bibliografias nos permite fortalecer a crença de que o jornalismo existe num processo permanente de tensão com seu compromisso de transmitir a verdade, de retratar o real e também que ainda há muitos caminhos a serem explorados.

### Referências bibliográficas

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciência da linguagem**. São Paulo: Hacker/Edusp, 2000.

LAGE, Nilson. Ideologia e técnica da notícia. 3ed. Florianópolis: Insular: 2001.

LOPEZ, Debora Cristina; MATA, José Henrique da. **Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo**. Revista Lumina. Vol.3. nº1, junho, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo e convergência tecnológica: uma proposta de classificação**. Intercom: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Paraná: Curitiba. 2009. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1083-1.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2014.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação – teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo - Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 3 ed. 2003.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e Cotidiado: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **De Brecht aos (des)caminhos do radiojornalismo**. In: MEDITSCH e ZUCULOTO (ORG's). Teorias do Rádio - textos e contextos. Florianópolis: Insular, V. 2. 2008.

<sup>7</sup> O rádio na internet é marcado pelas emissoras hertzianas que adotaram a transmissão também online.

<sup>8</sup> Por webrádios entende-se as emissoras que existem exclusivamente na internet.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso. Florianópolis: Insular, 2005.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Portugal: Porto, 2001. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 28 nov. 2013.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade** – Além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – Porque as notícias são como são. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo** – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005b.

VAN DIJK, Teun. **La noticia como discurso** - Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.

ZUCULOTO, Valci. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.